

Ofensiva das Forças Armadas Bandidos armados indignam população de Magul



«São muitos não são só estes. Há os que fizeram sabotagem nas províncias de Sofala, Manica, Zambézia e outros aqui de Mapulanguene, Mothasse e outras partes «afirmou o Chefe do Estado-Maior General das FAM/FPLM, Tenente-General Sebastião Marcos Mabote, quando apresentava 16 bandidos capturados recentemente nas áreas fronteiriças de Gaza e do distrito de Magude, à Imprensa em Magul.

Os bandidos foram capturados no quadro de um amplo movimento de aniquilamento das suas bases em todas as províncias do País, actualmente levada a cabo pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Capturados em diferentes lugares, existe porém um ponto comum entre grande parte do grupo, que é o facto de terem sido encontrados a monte, em virtude de as suas bases terem sido destruídas.

A reacção da população foi de total indignação perante as atrocidades por eles cometidas e reveladas ao longo do encontro com a Imprensa moçambicana em Magul, a que aquela assistia. Todos foram unânimes em exigir a execução imediata daqueles bandidos, tendo o

Tenente-General Sebastião Mabote respondido que «os Tribunais militar e civil vão decidir sobre a sorte deles sem demora alguma».

Instados pela população presente a responder sobre quantos mataram ou deceparam membros, alguns bandidos, quase embriagados de tanto matar, disseram não se recordarem do número das suas vítimas «porque foram muitos». A um, uma mulher presente em Magul perguntou se «não se recordava da mãe quando cortava os seios às mulheres».

Mas não se devia recordar, decerto, de aspecto bastante rude, com camadas espessas de sujidade no corpo em que passeavam percevejos, e acabados de muito estupefaciente consumido, mais pareciam animais sedentos de matar, destruir e inquietar.

A par destas acções foi descoberta uma bomba-relógio na posse de um cidadão sul-africano, Deon Janse Van Rensburg, que no passado mês de Agosto introduziu-se no País alegando desejar juntar-se ao ANC.

De acordo com fontes militares, a bomba-relógio, que é de alta potência, a ter explodido poderia causar graves danos.

Embora tivesse alegado pretender juntar-se ao ANC, foi descoberta uma carta supostamente endereçada a familiares seus, cuja redacção se presume obedecer a um código ainda por decifrar, conforme declarações de fontes militares ligadas à tropa guarda-fronteira.

É de salientar o facto de Deon Rensburg ter sido detido cerca de quatro horas depois da sua entrada ilegal no território moçambicano, após as tropas de guarda-fronteira terem sido alertadas pela população.

A ser verdade a suposição deste elemento pertencer aos serviços secretos sul-africanos, fica mais uma vez patente o papel jogado pela África do Sul na desestabilização da República Popular de Moçambique.

Apresentamos, em seguida, estes dois assuntos mais desenvolvidos.



Armando Ngovene, um dos bandidos capturados, demonstra perante a Imprensa como cortou os seios a vinte e cinco mulheres

Nteasse Mandlate é o seu nome e estava com os olhos marejados de lágrimas quando em Magul, Armando Ngovene, um jovem magro vestindo um fato-macaco de ganga azul descrevia como ele e seu grupo cortavam os seios de mulheres inocentes e indefesas nas zonas de Mothasse, Mapulanguene, Maleisse e Maela.

Armando Ngovene fazia parte dos 16 bandidos armados capturados pelas Forças Armadas e que foram apresentados no sábado último aos jornalistas nacionais pelo Chefe do Estado-Maior General, Tenente-General Sebastião Mabote.

Nteasse Mandlate, uma dos cerca de trezentos habitantes de Magul que acorreram espontaneamente ao lugar, exclamou indignada quando respondendo a uma pergunta dos jornalistas presentes, Armando Ngovene disse: «cortei seios a vinte e cinco mulheres».

Comovida, Nteasse Mandlate afirmou: «Deviam ser mortos agora e aqui, neste local histórico onde recordamos a nossa tradição guerreira». Os demais presentes também disseram dever ser esse o destino daqueles «que nos aterrorizam e impedem de trabalhar em paz para o desenvolvimento do País». Os presentes pediram a pena capital para os bandidos e foi difícil sair do lugar sem satisfazer tal desejo.

A atitude das populações quando apanham os bandidos está patente na captura de Carlos Ubisse Zandamela, outro dos bandidos que se diz ter sido chefe da logística na base de Vonde.

«Fui capturado pelo povo, em Inhanale, povoação em que pretendia dormir». Acrescentou que ali dirigiam-se com o intuito de assaltar e saquear lojas «para roubar comi-

da». Segundo declarações de Carlos Ubisse, em Fevereiro deste ano, o seu grupo foi a Zandamela, na estrada para Inhambane, «queimar camiões» cujo número disse não se recordar.

A RETAGUARDA ESTÁ NA ÁFRICA DO SUL

Samuel Fabião Mucale, outro dos bandidos que diz ter sido infiltrado no território moçambicano através da fronteira de Mapulanguene em Setembro do ano passado, declarou ter treinado «menos de dois meses em Bukbakris, Gaza nKulu», bantustão sul-africano. Disse ainda que nesse campo de treino «trabalham boers e um português».

Capturado em Mothasse, Magude, na Estação dos Caminhos de Ferro, já sem arma, Samuel Mucale havia

O Tenente-General Sebastião Mabote fala à população que se juntou espontaneamente à Imprensa, em Magul





empunhado um morteiro, na base de Chicutso, atacada e destruída pelas Forças Armadas alguns dias antes da sua captura.

Afirmou ter queimado um machimbombo em Massingir, com uma fogueira de lenha posta debaixo do autocarro. «Após este acto fomos a Nalazi e pelo caminho assaltámos uma loja, roubámos chouriço e farinha».

Feliciano Laze, que diz ter sido raptado pelos bandidos armados em Mavume, Inhambane, treinou numa base, agora destruída, mesmo em Mavume por um período de seis meses, especializando-se, segundo declarações suas, no manejo da semiautomática.

Em Macuácuá, ainda em Inhambane, o seu grupo atacou um Hospital em Muvamba, «raptou os trabalhadores todos, entre eles duas mulheres». Tendo seguido depois para Maleísse, no Chibuto, o mesmo grupo queimou quatro autocarros dos quais dois repletos de passageiros. «Alegaram que estavam lá soldados da Frelimo mas eu não vi nenhum» disse.

Acrescentou depois que na base onde vivia, no Chibuto, «vinham helicópteros da África do Sul duas vezes por semana, à noite, para trazer metralhadoras e semiautomáticas. Muitas vezes vinham brancos da África do Sul».

Falando da vida na base disse que «só os chefes é que comiam a carne dos bois e cabritos que roubávamos. Nós, os restantes, cozíamos e comíamos as peles». Acrescentou também que «só os chefes é que usavam uniforme e, por exemplo, «o nosso chefe lá na base tinha quatro mulheres, todas raptadas nas povoações».



Eduardo Ribeiro, 45 anos, e Narendra Kumar Bimo Bhay, 28, dois cidadãos de nacionalidade portuguesa raptados pelos bandidos armados — em Dezembro de 1982 e Janeiro de 1983, respectivamente — foram libertados pelas FPLM, juntamente com membros da população aprisionados na base de Tome, província de Inhambane. Durante a conferência de imprensa concedida a jornalistas nacionais, na manhã do passado dia 28, Eduardo Ribeiro, criador de gado e comerciante em Magude e Narendra Bimo Bhay, técnico de contas na Direcção

Provincial de Indústria e Energia em Inhambane, revelaram as circunstâncias do seu rapto e a odisséia do quotidiano de maus tratos até à sua libertação, em 13 de Setembro, data em que a base em que se encontravam foi desmantelada.

No seu depoimento, aqueles cidadãos forneceram inúmeros pormenores que reconfirmam o envolvimento directo do regime sul-africano, quer em apoio logístico, de armamento e indicação preferencial dos alvos de acções de sabotagem. Na imagem, um aspecto da conferência de imprensa.

Ruben Manhiça diz ter sido raptado a 25 de Junho deste ano em Chicoloane, Chókwè, «quando trabalhava na machamba estatal». Levado pelos bandidos, nesse dia passámos a noite no mato, em Mothasse, depois do que chegámos a Muzimuchope no dia seguinte, onde ficava a base.»

Contou a sua participação nas atrocidades cometidas pelos bandidos, começando por dizer que primeiro pertenceu ao grupo de corte de lenha. «Quando saí a primeira vez encontramos quatro pessoas e ordenaram-me que matasse duas para ganhar experiência, para perder o medo. Matei-as», revelou. Disse também não ter sido esta a única vez que assim procedeu, pois, «nu-

ma segunda saída também, voltei a matar outras duas pessoas em circunstâncias idênticas». Tendo vivido em duas bases inimigas, nomeadamente Muzimuchope e Mothasse, Ruben Manhiça declarou ter visto aviões sul-africanos a trazer comida e armamento, normalmente à noite, por volta das vinte e uma horas. Acrescentou que quando saiu da base de Mothasse, em Agosto último «acabavam de ser descarregadas 12 caixas de armamento por um avião da África do Sul». Ao falar da vida na base de Mothasse disse viverem lá muitos curandeiros que servem os hábitos supersticiosos dos bandidos. Este bandido foi capturado



«Trelnel em Bukbakris, Gaza nkulu, território da África do Sul...» Samuel Fabião Mucale à Imprensa, em Magul

em Mazivila, Macie, quando vinha em missão de reconhecimento.

A DERIVA...

Fora os capturados em missões de reconhecimento ou os aprisionados pela população, uma parte destes bandidos andam a monte, dispersos e isolados pelo facto de as suas bases terem sido destruídas pelas nossas Forças Armadas.

Maquejo Matchuc, cuja base foi destruída o ano passado em Espungábera, foi recentemente capturado em Maela, Magude. Este bandido, tem um semblante que apresenta marcas de consumo de estupefacientes em grandes quantidades.

Disse que desde a destruição da base onde estava, «andei sempre no mato, isolado». Falando das bases que conheceu afirmou: «Nelas havia boers». Descreveu alguns dos crimes por ele cometidos, declarando que fez parte de grupos que assaltavam lojas e casas das populações para roubar bois, cabritos, milho e outros bens em Muzimuchope. «Quando alguém recusasse entregar o que queríamos era morto ou batido» disse.



Sul-africano entra no País com bomba-relógio



Deon Rensburg, cidadão sul-africano que se introduziu ilegalmente no país, em poder de uma bomba-relógio

Por «majonejone» tornou-se vulgar tratar os mineiros que emigram para a África do Sul onde vão trabalhar honestamente para a sua vida e a das famílias.

Mesmo estes inocentes têm sido vítimas dos bandidos armados e, de acordo com Armando Ngovene, um bandido já acima citado, «lembro-me de ter queimado vinte carros dos majonejone».

Diz haver grupos de bandidos que interpelam esses trabalhadores nas estradas e a quem aliciam para se juntarem a eles. Em caso de recusa, segundo Armando Ngovene, os carros são queimados e alguns homens mortos.

SEBASTIÃO MABOTE EXORTA POPULAÇÃO

Feito o trabalho com os 16 bandidos armados, o Tenente-General Sebastião Mabote falou aos homens, mulheres, velhos e crianças de Magul, no local do monumento aos guerreiros que em 1895 derrotaram dois batalhões portugueses que pretendiam prender Ngungunhane. Aquele dirigente exaltou o sentido patriótico demonstrado, o sentido de vigilância e a repulsa que todos sentem em relação aos actos criminosos dos bandidos armados.



A foto mostra os dezasséis bandidos apresentados em Magul

O Tenente-General Sebastião Mabote perguntou na ocasião se «matar crianças, cortar seios de mulheres, raptar cooperantes pacíficos e trabalhadores é alguma guerra». Mais adiante disse: «Porque não vêm atacar os nossos quartéis? São estes que andam a destruir as vossas lojas e aldeias, a roubar bois e cabritos», que guerra é esta?»

O Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas acentuou ainda que «eles disseram aqui que foram introduzidos pela África do Sul atra-

vés de Gaza nKulu e Mapulanguenc para vir fazer aquilo que o regime do «apartheid» lhes ensinou e mandou».

O Tenente-General Sebastião Mabote recordou a tradição guerreira da população local e apelou para o reforço da vigilância. «É preciso controlar todos os movimentos, saber quem entra e sai e donde vem» sublinhou.

Texto de Hilário Matusse
Fotos de Naífa Ussene

Este cidadão sul-africano de 27 anos de idade, foi apresentado à Imprensa moçambicana, tendo na altura afirmado que anteriormente havia estado em Angola e no Lesotho, para onde atravessara também ilegalmente.

De acordo com fontes militares moçambicanas, Rensburg atravessou a fronteira na região de Ressano Garcia, que faz fronteira com a África do Sul, pelas dezassete horas e trinta minutos do dia 23 de Agosto, tendo sido detido cerca das 21 horas desse mesmo dia. Durante as primeiras investigações foi encontrado em poder de Rensburg um relógio que peritos em pirotecnia do exército moçambicano confirmaram tratar-se de uma bomba-relógio.

Em declarações feitas por Rensburg na noite de sábado último em Maputo, ele confirmou ter afirmado às forças de Defesa moçambicana

que fugia da «África do Sul porque estava aborrecido de viver naquele país».

Ainda de acordo com as declarações feitas na mesma ocasião, Deon Janse Van Rensburg participou na operação de evacuação das Forças sul-africanas que em 1975 tinham invadido a República Popular de Angola. Durante essa operação ele foi ferido numa perna. Posteriormente, Rensburg esteve em Angola, em Agosto/Setembro de 1980, para onde «atravessou ilegalmente», conforme admitiu à Imprensa moçambicana.

Rensburg que diz ter trabalhado numa empresa de construção civil em Pretória, na África do Sul, afirmou ainda que «dias antes de atravessar a fronteira, tinha sido contactado pela Polícia que quis fazer chantagens». Rensburg não quis no entanto dizer à Imprensa de que

tipo de chantagens teria sido alvo.

Fontes militares moçambicanas adiantaram-nos entretanto que Rensburg faz parte de um grupo que de tempos em tempos tem atravessado a fronteira para o lado moçambicano. Um elemento do seu grupo, segundo afirmaram, esteve em Moçambique durante duas semanas em finais de 1980, tendo entrado e saído pela fronteira na zona do Krueger Park, uma reserva de caça da África do Sul.

Outros três elementos do grupo de Rensburg, preparavam-se para entrar em território moçambicano até Dezembro deste ano, segundo disseram ainda as mesmas fontes militares. Embora não tenham concluído as investigações sobre Rensburg, estas fontes acreditam que estes elementos estão ligados aos serviços secretos sul-africanos.